

Paul Valéry
L' infini esthétique (1934), in Œuvres
II, Pièces sur l'art

O infinito estético

Tradutor

res : Philippe Lacour, Alice Ribeiro Braatz,
Elisa Maiby Carvalho Augusto, Jade
Oliveira Chaia, Rogério Santos dos
Prazeres, Sèdjro Crédo Randal E. Zitti,
Marcos Vinicius de Magalhães Chagas,
Michelly Alves Teixeira.¹

A maioria de nossas percepções desperta em nós, quando despertam algo, o que é necessário para as anular ou tentar anulá-las. Seja por um ato – reflexo ou não –, seja por alguma espécie de indiferença, adquirida ou não, nós as abolimos ou tentamos aboli-las. Há em nós, no que concerne a elas, uma tendência constante a retornar o mais rápido possível ao estado em que estávamos antes que elas nos fossem impostas ou propostas: parece que a tarefa de nossas vidas é de retornar ao zero algum índice de nossa sensibilidade, e de nos dar pelo caminho mais curto o máximo de liberdade ou de disponibilidade de nossos sentidos.

Os efeitos de nossas modificações perceptíveis que tendem a terminá-las são tão diversos quanto elas mesmas. Pode-se, entretanto, reuni-las em um nome comum e dizer: o conjunto dos efeitos de tendência finita constitui a ordem das coisas práticas.

Mas há outros efeitos de nossas percepções que são completamente opostos àqueles: eles despertam em nós o desejo, a necessidade, as mudanças de estado que tendem a conserva ou a experimentar novamente, ou a reproduzir as percepções iniciais.

Se um homem tem fome, essa fome o obrigará a fazer o que seja necessário para que ela seja anulada o mais breve possível; mas se o alimento lhe parece delicioso, esse deleite quererá nele se prolongar, se perpetuar ou renascer. A fome nos pressiona a abreviar uma sensação; o deleite, a desenvolver uma outra; e essas duas tendências se farão suficientemente independentes de forma que o homem aprenda logo a refinar sua alimentação e a comer sem ter fome.

Aquilo que disse à respeito da fome facilmente se estende à necessidade do amor; e aliás a todos os tipos de sensações, a todos os modos da sensibilidade em que a ação consciente pode intervir para restituir, prolongar ou aumentar aquilo que a ação reflexa por si só parece feita para abolir.

A visão, o tato, o olfato, a audição, o mover, o falar nos induzem de vez em quando a nos demorar nas impressões que nos provocam, a mantê-las ou a renová-las.

O conjunto desses efeitos de tendência infinita que eu acabei de isolar, poderia constituir a ordem das coisas estéticas

¹O Grupo de Tradução do departamento de filosofia da UnB se propõe de traduzir regularmente obras da filosofia francesa que são inéditas em Português. Qualquer um pode se juntar ao grupo para participar, com um mínimo de conhecimento da língua francesa, mesmo que seja de outro departamento ou de outra cidade do Brasil (ou do mundo). Efetivamente, o trabalho de tradução é feito de maneira colaborativa sobre a plataforma digital TraduXio, que é baseada no Web (<http://traduxio.hypertopic.org>). A próxima obra traduzida do grupo a ser publicada será um texto de Bergson sobre "O paralelismo psico-físico e a metafísica positiva" (1901). Novos tradutores são bem vindos.

Para justificar a palavra infinito e dar-lhe um significado preciso, basta lembrar que, nessa ordem, a satisfação reaviva a necessidade, a resposta regenera o pedido, a presença gera a ausência, e a possessão, o desejo.

Enquanto na ordem que chamei de prática, o objetivo alcançado faz esvair todas as condições sensíveis do ato, (cuja duração em si é como que reabsorvida, ou que não deixa nada mais que uma lembrança abstrata e sem força), é bem ao contrário na ordem estética.

Neste universo de sensibilidade, a sensação e a sua espera são relativamente recíprocas e se procuram, uma a outra indefinidamente, como no universo das cores, complementares se sucedem e se intercambiam uma contra a outra, a partir de uma forte impressão da retina.

Esse tipo de oscilação não para por si mesma, só se exaure ou é interrompida por alguma circunstância externa - como a fadiga por exemplo - que a extermina, abolindo ou diferindo a retomada.

A fadiga (por exemplo) se acompanha de uma diminuição da sensibilidade a respeito da coisa que fora uma delícia ou um desejo: é preciso trocar o objeto.

A mudança se faz desejável em si: a variedade é exigida como complementar à duração de nossa sensação e como remédio a uma saciedade que resulta do esgotamento dos recursos finitos de nosso organismo, solicitado por uma tendência infinita, local, particular; portanto nós seríamos um sistema de intersecção de funções – sistema cujas interrupções de cada atividade parcial seriam uma condição.

Para poder desejar novamente, é preciso desejar outra coisa; e a necessidade de mudança se introduz como indício do desejo de desejo, ou desejo do que quer que se faça cobiçar.

Mas se o evento não ocorre, se o meio em que vivemos não nos fornece rápido o suficiente um objeto digno de um desenvolvimento infinito, nossa sensibilidade se excita a produzir ela mesma as imagens do que ela deseja, como a sede gera idéias de bebidas maravilhosamente frescas...

Estas considerações simples permitem separar ou definir com bastante clareza esse domínio resultante de nossas percepções e inteiramente constituído pelas relações internas e pelas variações de nossa própria sensibilidade, a que denominei de ordem das coisas estéticas. Mas a ordem das tendências finitas, a ordem prática, que é a ordem da ação, se combina de várias maneiras com a ordem das coisas estéticas. Em particular, o que chamamos de “obra de arte” é o resultado de uma ação cujo objetivo finito é, eventualmente, causar infinitas evoluções nas pessoas. Daí, podemos inferir que o artista é um ser dual, porque ele elabora as leis e os caminhos do mundo da ação que irão produzir um universo de ressonância sensível. Incontáveis vezes se tentou reduzir as duas tendências a apenas uma: a Estética não tem outro objeto. Mas o problema permanece completo.